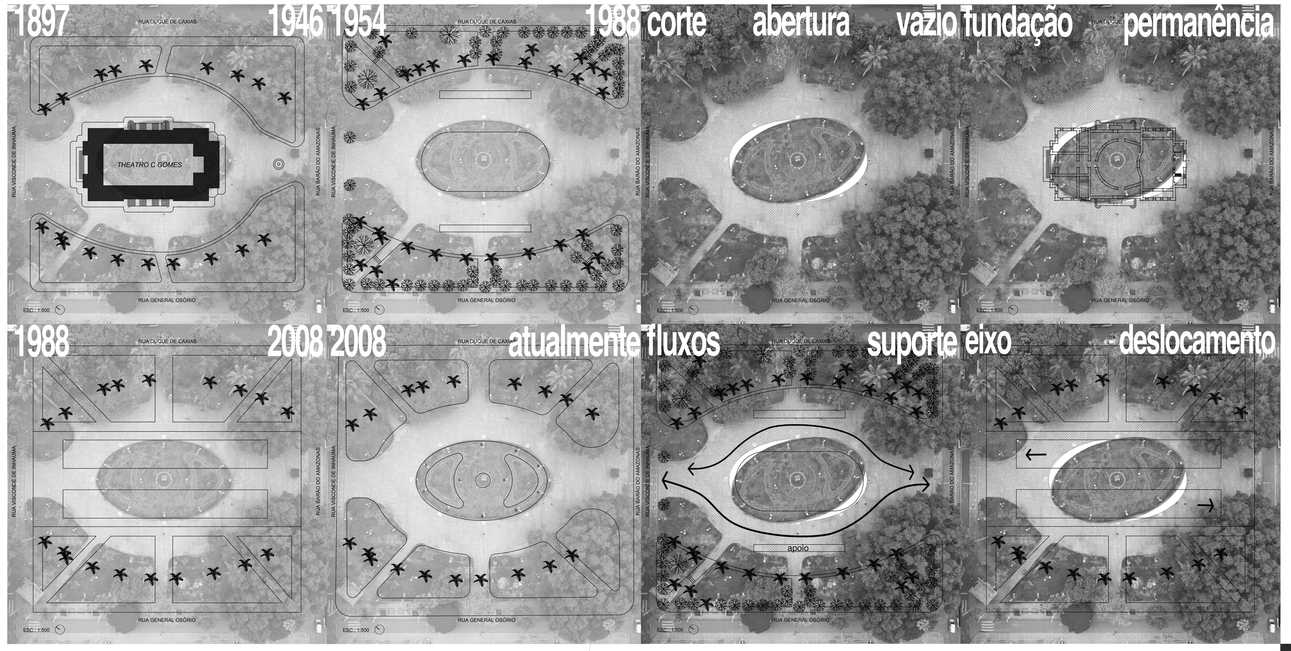
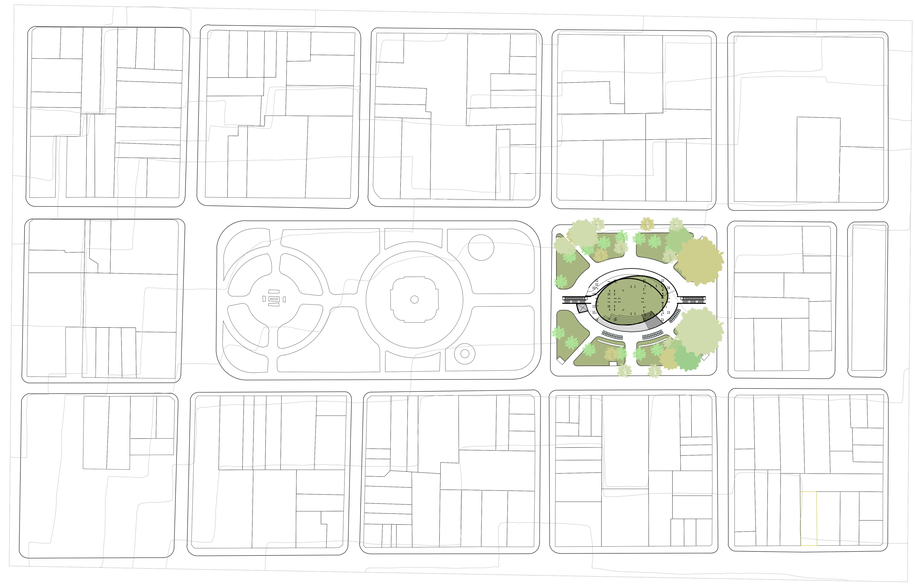
permanências e apagamentos





SITUAÇÃO

0 10 20 50

ANTEPROJETO: PERCURSO, SUBSOLO, ENCONTRO E ACONTECIMENTO

A intervenção inicia-se por uma rampa que conecta o nível da praça ao subsolo, situado a 4,95 metros de profundidade. Com 59,42 metros de extensão e inclinação de 8,33%, o percurso conduz o visitante a uma experiência de descenso, na qual a relação entre corpo, paisagem e orientação espacial é progressivamente deslocada. Em diálogo com Richard Serra, para quem a paisagem se torna especialmente potente quando altera a percepção do corpo no espaço, sobretudo diante da perda do horizonte e do plano horizontal como referências estáveis, a rampa elimina gradualmente a linha do horizonte e transforma o acesso em uma imersão física e fenomenológica.

A estrutura é concebida predominantemente em concreto aparente, material que reforça a ideia de peso, escavação e permanência. O concreto assume a condição de matéria bruta do subsolo, como se a intervenção revelasse uma infraestrutura latente sob a praça. Nas paredes de contenção e nos planos que conformam o percurso, o concreto pigmentado em vermelho remete à terra vermelha de Ribeirão Preto e à primeira camada histórica do sítio, marcada pelo chão batido do antigo Largo da Matriz. Assim, a materialidade não atua apenas como acabamento: ela reinscreve no projeto a memória física do solo.

Ao longo do percurso, pilares metálicos circulares de 20 centímetros de diâmetro são alinhados aos pontos de embasamento do antigo Teatro Carlos Gomes. Mais que elementos estruturais, eles atuam como marcadores de ausência: desenham no espaço o fantasma arquitetônico do teatro demolido e reativam sua presença como campo de memória. O acabamento em metal cromado intensifica essa leitura, pois reflete o entorno, dissolve parcialmente seus próprios limites e produz uma presença instável, entre corpo material e aparição. Diferente do concreto, que ancora o projeto ao solo, os pilares cromados operam como vestígios luminosos de uma arquitetura desaparecida.

A estrutura sustenta uma laje nervurada de 80 centímetros de altura, posicionada 30 centímetros acima do nível zero. Sobre esse plano, o gramado retoma a referência ao jardim central da praça, agora como superfície deslocada, dobrada e tensionada. Assim, o plano urbano deixa de operar como superfície contínua e passa a revelar, por meio do deslocamento, as camadas históricas que estruturam o sítio.

No subsolo, o visitante encontra um espaço amplo e flexível, com pé-direito de 4,95 metros, destinado a espetáculos, feiras, encontros, permanências e usos cotidianos. Essa indeterminação programática é deliberada. Em diálogo com Bernard Tschumi e com a leitura de Zonno sobre a arquitetura como evento, o espaço é concebido como campo onde situações possam acontecer. A proposta não determina uma única conduta, mas cria condições para apropriações múltiplas, reconhecendo o caráter mutável e efêmero da paisagem como lugar de nomadismo, interação, conforto material e psicológico.

Uma arquibancada integrada à escadaria oferece áreas de permanência, observação e apoio às atividades do espaço subterrâneo. Atrás dela, concentra-se a faixa técnica do projeto, composta por banheiros, camarins, áreas de manutenção, zeladoria e depósitos. Esses ambientes recebem iluminação natural por claraboias e ventilação mecânica integrada a grandes captadores de ar posicionados nos jardins laterais da praça. Assim, o conjunto garante suporte ao uso cotidiano e aos eventos, com infraestrutura para operação, montagem, permanência e manutenção do espaço.

Ao lado dessa estrutura, o elevador com sistema de pistão hidráulico permite o transporte de equipamentos e reforça a dimensão técnica e cênica da proposta. Os guarda-corpos retráteis e rotativos, inspirados na Maison à Bordeaux, de Rem Koolhaas, incorporam movimento e adaptabilidade ao dispositivo arquitetônico, aproximando arquitetura, corpo e mecanismo.

Nas laterais do eixo da instalação, dois planos paralelos e inclinados abrigam uma escada rolante e uma escada fixa, configurando acessos rápidos ao espaço subterrâneo. O desenho desses eixos parte da leitura das antigas coberturas dos pontos de ônibus que ocuparam a Praça Carlos Gomes, reinterpretando essa camada histórica como estrutura de circulação contemporânea. Assim, a memória dos fluxos coletivos retorna ao projeto não como reprodução literal, mas como gesto espacial: os antigos percursos de embarque, espera e passagem são transformados em deslocamento expresso pela instalação. A solução também dialoga com a experiência de acesso da Bibliothèque nationale de France, em Paris, projetada por Dominique Perrault, onde o movimento descendente, a escala monumental e a relação entre praça elevada, vazio e entrada constroem uma experiência cênica entre corpo e espaço.

O projeto também propõe o deslocamento dos mosaicos existentes, bens protegidos pelo Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Cultural. Atualmente instalados no piso e sujeitos a desgaste, vandalismo e manutenção constante, os mosaicos seriam reinstalados em uma parede interna do projeto, em condição mais segura, legível e durável. O gesto não retira sua dimensão pública: ao contrário, preserva sua presença e amplia sua capacidade de permanência, deslocando-os de uma exposição vulnerável para um plano de memória protegido e integrado à narrativa espacial.

Desse modo, o anteprojeto não separa memória, uso, matéria e experiência. As fundações apagadas, os fluxos do antigo terminal, a dobra do jardim, a área técnica, os acessos, os bens remanejados e os dispositivos de permanência tornam-se infraestrutura de acontecimento. Em consonância com Zonno, a intervenção atua no espaço cotidiano como provocação perceptiva e social: desperta consciência sobre o ambiente, evidencia suas camadas ocultas e abre possibilidades de transformação coletiva. A praça deixa de ser apenas passagem ou vazio residual e passa a operar como palco público, clareira urbana e dispositivo de revelação.

SOLUÇÕES BIOCLIMÁTICAS

A proposta filosófica e histórica do projeto só se sustenta plenamente se a praça puder ser habitada. Em Ribeirão Preto, cidade de clima quente, com períodos secos marcados e forte incidência solar, a permanência em espaços públicos depende de estratégias ambientais consistentes.

A intervenção responde à ilha de calor urbana por meio de uma grande área sombreada, associada a pé-direito generoso (4,95m), ventilação cruzada, estratificação térmica e exaustão superior. A cobertura reduz a incidência direta de radiação solar sobre os pisos e superfícies de permanência, diminuindo a Temperatura Radiante Média e evitando que a praça acumule calor ao longo do dia para irradiá-lo no fim da tarde.

O pé-direito elevado funciona como amortecedor térmico. O ar aquecido, menos denso, sobe e se afasta da zona primária de ocupação humana. Assim, o estrato em que as pessoas caminham, sentam, assistem, trabalham e se encontram permanece mais confortável. A espacialidade monumental, portanto, não é apenas gesto cênico; responde à física do lugar.

Os fluxos de ar atravessam o espaço coberto, renovando continuamente a massa de ar interna. Em pontos superiores da cobertura, frestas, claraboias estruturais ou aberturas de exaustão podem intensificar o efeito chaminé, permitindo que o ar quente acumulado escape e induza a entrada de ar mais fresco pelas cotas inferiores.

A vegetação também atua como infraestrutura climática. O gramado, os canteiros e as áreas arborizadas reduzem a absorção térmica, ampliam a umidade local por evapotranspiração e qualificam as bordas da intervenção. Dessa forma, a bioclimática não é acrescentada ao conceito como solução técnica posterior; ela integra o próprio partido.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

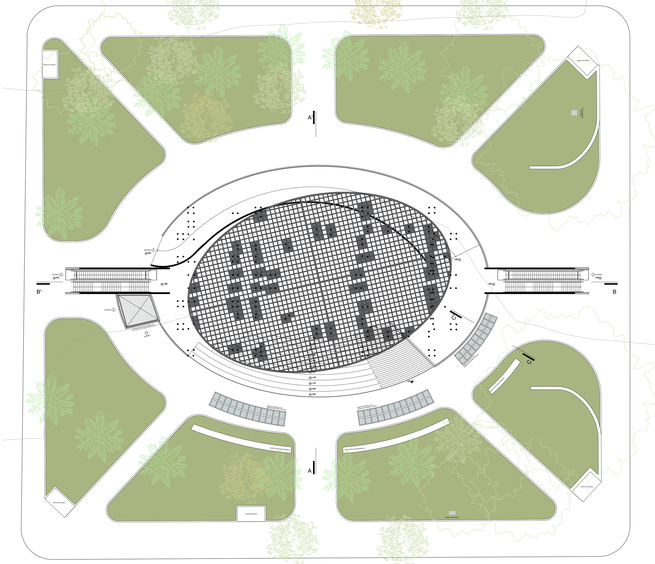
Cidade Limítrofe compreende a paisagem como campo de permanências, apagamentos e disputas. A Praça Carlos Gomes evidencia que a cidade não é construída apenas por aquilo que permanece visível, mas também por aquilo que foi demolido, encoberto ou deslocado. O projeto parte dessa condição para propor uma intervenção que não apaga novamente o vazio, mas o assume como matéria crítica.

Ao articular palimpsesto, discurso limítrofe, site-specific, sub-urbanismo, fenomenologia, cidade subjetiva e biodimática, a proposta constrói uma leitura em que arquitetura, arte e urbanismo operam conjuntamente. A intervenção não busca restaurar literalmente o Teatro Carlos Gomes, nem produzir uma praça cenográfica desconectada do presente. Seu objetivo é criar uma paisagem de revelação, onde as camadas soterradas possam ser percebidas e ressignificadas pela experiência coletiva.

A principal contribuição do projeto está em deslocar a lógica tradicional do programa. O lugar não é tratado como recipiente neutro, mas como agente que orienta o desenho. As fundações apagadas, os fluxos do antigo terminal, a forma do jardim, a memória dos monumentos, os mosaicos remanejados e as condições climáticas locais tornam-se forças de composição. Dessa maneira, o partido arquitetônico nasce da escuta do território.

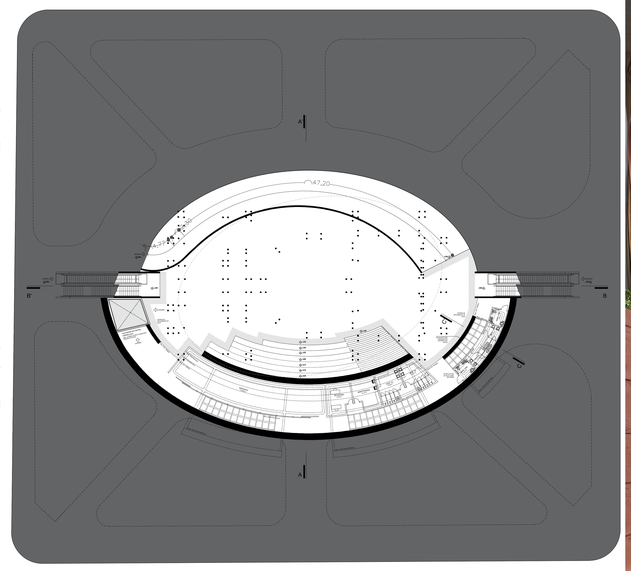
A intervenção também reafirma que o espaço público precisa ser simultaneamente simbólico, político e habitável. Não basta revelar a memória se o corpo não puder permanecer. As soluções bioclimáticas, ao reduzir a exposição solar, favorecer a ventilação e ampliar o conforto ambiental, asseguram que o projeto não se limite ao campo conceitual. Ele cria condições reais para encontros, eventos, permanências e apropriações cotidianas.

Concluí-se, portanto, que transformar a paisagem urbana exige mais do que inserir novos objetos no território. Exige reconhecer a espessura do lugar, confrontar seus apagamentos e abrir possibilidades para novas formas de estar no mundo. Cidade Limítrofe propõe essa abertura: uma clareira na cidade, onde passado e presente não se reconciliam de modo simples, mas permanecem em tensão produtiva, provocando pensamento, presença e reinvenção coletiva.



TÉRREO

0 1 2 5

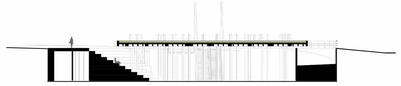


SUBSOLO

0 1 2 5

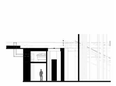
CORTE BB'

0 1 2 5



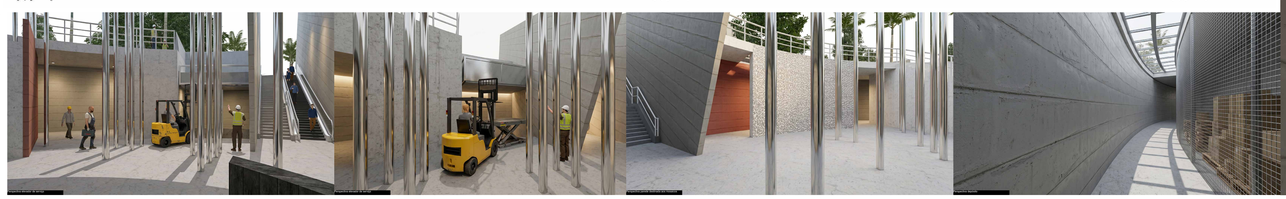
CORTE AA'

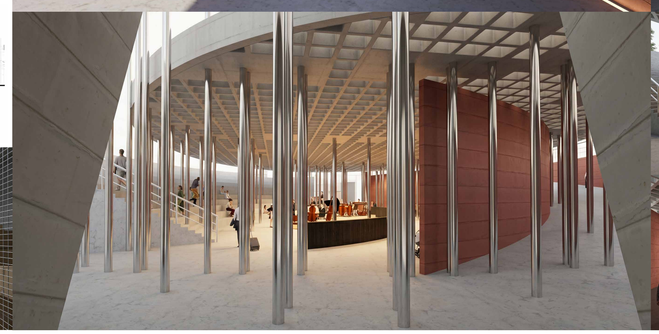
0 1 2 5



CORTE CC'

0 1 2 5





REFERÊNCIAS

ARCHDAILY BRASIL. Clássicos da arquitetura: Biblioteca Nacional da França / Dominique Perrault Architecture. ArchDaily Brasil, 25 ago. 2016. Disponível em: https://www.archdaily.com.br/br/794189/classicos-da-arquitetura-biblioteca-nacional-da-franca-dominique-perrault-architecture. Acesso em: 10 mar. 2025.

BARRETO, Ricardo de Oliveira; CARRIERI, Alexandre de Pecques; ROMAGNOLI, Roberta Carvalho. O cinema deleuze-guattariano nas pesquisas em Estudos Organizacionais. Cadernos EBAPE.BR, Rio de Janeiro, v. 16, n. 1, p. 41-55, 2020. Disponível em: https://doi.org/10.1590/1679-395176400. Acesso em: 28 nov. 2023.

CORBOZ, André. El territorio como palimpsesto. In: FRAMPTON, Brigitt Martin (org.). La urbana en 20 autores contemporáneos. Barcelona: Ediciones UPC, 2004. p. 25-34. Original publicado em 1983.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia. Tradução de Aurélio Guerra Neto e Celia Pinto Costa. São Paulo: Editora 34, 1995. v. 1.

FARIA, Rodrigo Santos de. Ribeirão Preto, uma cidade em construção (1885-1930): o moderno discurso da higiene, beleza e disciplina. 2003. Dissertação (Mestrado em História) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

FOLHA DE S.PAULO. Estátua, trólebus deixaram lacuna no transporte coletivo. Folha de S.Paulo, São Paulo, 21 jun. 2014. Disponível em: https://m.folha.uol.com.br/cotidiano/1bersagrafe/2014/06/1472013-estatua-trolebus-deixaram-lacuna-no-transporte-coletivo.shtml. Acesso em: 28 nov. 2023.

FOSTER, Hal. O complexo arte-arquitetura. Tradução de Célia Euvaldo. São Paulo: Ubu Editora, 2017.

FRAGUAS, Manoel Silvestre. Diagramas na crítica de arte: uma leitura dos quadrados estruturalistas de Rosalind Krauss. POS. Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG, Belo Horizonte, v. 12, n. 24, p. 98-111, maio/ago. 2022. Disponível em: https://doi.org/10.35699/2237-2864.2022.36010. Acesso em: 28 nov. 2023.

GREENBERG, Clement. Modernist painting. In: HARRISON, Charles; WOOD, Paul (org.). Art in theory 1900-2000: an anthology of changing ideas. Malden: Blackwell Publishing, 2003. p. 773-779. Original publicado em 1960.

GUATTARI, Félix. As três ecologias. Tradução de Maria Cristina F. Bittencourt. Campinas: Papirus, 1990.

HEIDEGGER, Martin. A origem da obra de arte. Tradução de Maria da Conceição Costa. Lisboa: Edições 70, 2010. Original publicado em 1935-1936.

HEIDEGGER, Martin. Construir, habitar, pensar. In: HEIDEGGER, Martin. Ensaios e conferências. Tradução de Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel e Marcia Sá Cavalcante Schuback. 8. ed. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2012. p. 125-141. Original publicado em 1951.

HEIDEGGER, Martin. Ser e tempo. Tradução de Marcia Sá Cavalcante Schuback. 10. ed. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2015. Original publicado em 1927.

HOLMES, Brian. Investigações extradisciplinares: para uma nova crítica das instituições. Concinnitas, Rio de Janeiro, v. 1, n. 12, p. 6-13, jul. 2008.

IPCC; ACRP. Pesquisa Requalifica Ribeirão. Ribeirão Preto: IPCC; ACRP, 2024.

KRAUSS, Rosalind. Passages in modern sculpture. Cambridge: MIT Press, 2006.

KWON, Miwon. One place after another: site-specific art and locational identity. Cambridge: MIT Press, 2004.

LEFEBVRE, Henri. A produção do espaço. Tradução da Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006. Original publicado em 1974.

LESSING, Gotthold Ephraim. Laocoonte: ou sobre as fronteiras da pintura e da poesia. Tradução de Márcio Seligmann-Silva. São Paulo: Iluminuras, 1998.

MAROT, Sébastien. Sub-urbanism and the art of memory. London: Architectural Association Publications, 2003.

O CALÇADÃO. O Teatro Carlos Gomes e uma praça vazia. O Calçadão, Ribeirão Preto, 8 set. 2015. Disponível em: https://ocalcadao.blogspot.com/2015/09/o-teatro-carlos-gomes-e-uma-praca-vazia.html. Acesso em: 28 nov. 2023.

PENNTO, Nelson Brissac. Intervenções urbanas. Arte/Cidade, 2. ed. São Paulo: Editora Senac São Paulo; Edições Sesc São Paulo, 2012.

REVIDE. Clínica vai estabelecer volta de terminal de ônibus à Praça Carlos Gomes. Revide, Ribeirão Preto, 4 fev. 2022. Disponível em: https://www.revide.com.br/noticias/politica/camara-vai-estudar-volta-de-terminal-de-onibus-a-praca-carlos-gomes/. Acesso em: 28 nov. 2023.

SARTRE, Jean-Paul. O ser e o nada: ensaio de ontologia fenomenológica. Tradução de Paulo Perdigão. 24. ed. Petrópolis: Vozes, 2015. Original publicado em 1943.

TSCHUMI, Bernard. Architecture and disjunction. Cambridge: MIT Press, 1996.

ZONNO, Fabiola do Vale. Lugares complexos: poéticas da complexidade: entre arquitetura, arte e paisagem. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2014.

PREMIAÇÃO CAU/SP

Prêmio de TCC e de Boas Práticas em Arquitetura e Urbanismo

Modalidade TCC

promoção CAU/SP Conselho de Arquitetura e Urbanismo de São Paulo

organização instituto de arquitetos do brasil

Folha nº 2/2